

Violência e Espetacularização: A Representação da Violência Contra a Mulher no Telejornalismo do Cidade Alerta ES¹

Bianca Santana VAILANT²

Prof. Dr. Rafael da Silva Paes HENRIQUES³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Este artigo pretende discutir de que maneira são retratados os casos de violência contra a mulher no Espírito Santo, estado que lidera o ranking da violência contra a mulher no Brasil, pelo telejornal Cidade Alerta ES. Questiona-se aqui a abordagem espetacular dos casos a fim de proporcionar sensações nos telespectadores, além de se propor uma reflexão sobre uma maneira menos superficial de abordagem do tema, uma vez que a amostra evidenciou deficiências na condução das reportagens, que tratam os casos em sua singularidade e abandonam a contextualização dos fatos a fim de tornar visíveis as possíveis causas e desdobramentos dos altos números registrados de violência contra a mulher no Espírito Santo. O corpus empírico desta análise são as reportagens disponibilizadas durante todo o mês de maio de 2015 – mês da mulher – no site do telejornal.

Palavras-chave: Violência; Espírito Santo; Mulher; Espetacularização; Cidade Alerta ES.

São muito expressivos os números de casos de violência contra a mulher registrados no Brasil. Boa parte das agressões decorrem de abusos no domicílio, ameaças e intimidações, sendo que parte expressiva dessas agressões terminam em óbito e são praticadas por companheiros ou ex-companheiros das vítimas. Segundo pesquisa⁴ realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os parceiros íntimos são os principais assassinos de mulheres. O instituto apontou ainda, que no período de 2001 a 2011, ocorreram cerca de 50 mil feminicídios, valor que corresponde a em média 5.000 mulheres assassinadas por ano em todo o país.

¹ Trabalho apresentado no IJ01, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Ufes, email: biancavailant@icloud.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da Ufes, email: rafaelpaesh@gmail.com

⁴ http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_leilagarcia.pdf

Analisando esse período de 10 anos, observou-se que, mesmo após a sanção da Lei Maria da Penha⁵ em 2006 – que buscou criar mecanismos para levar mais segurança às mulheres que sofrem violência doméstica, seja ela física ou psicológica –, não foi registrada redução no número de casos de assassinatos de mulheres. Segundo dados levantados pelo Ipea⁶, no período entre 2001-2006, as taxas anuais de mortalidade por 100 mil mulheres alcançaram 5,28. Já no período pós-aprovação da Lei Maria da Penha, de 2007-2011, a média brasileira alcançou 5,22. O que se observa é uma redução muito discreta no número de mortalidade de mulheres após a vigência de uma lei que, em tese, reduziria os casos de violência contra mulher no Brasil.

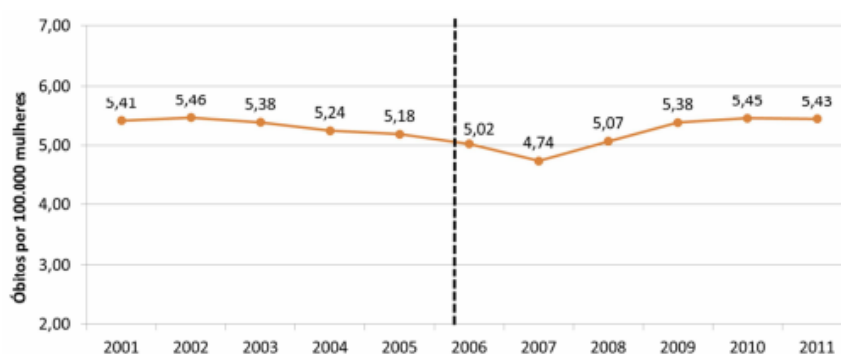


Gráfico 1 – Gráfico retirado de estudo divulgado pelo Ipea em 2013⁷

Ainda nesse estudo, realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, observamos uma subdivisão dos números obtidos por Unidade Federativa. Analisando o período que compreende os anos de 2009-2011, discriminam-se as taxas de feminicídios por 100 mil mulheres a fim de estabelecer um “ranking” que compreende não somente o Brasil, como também suas Unidades Federativas. Estados como Pernambuco, quinto colocado no ranking atingindo um média de 7,81 homicídios por 100 mil mulheres, Roraima, quarta colocada com 8,51, Alagoas, terceira colocada atingindo a marca de 8,84 e Bahia, segunda colocada no ranking com 9,08 feminicídios por 100 mil mulheres, fazem parte da lista liderada pelo Espírito Santo, que registrou 11,24 homicídios por 100 mil mulheres num intervalo de 3 anos (2009-2011), conforme representado no gráfico abaixo.

⁵ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

⁶ http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_feminicidio_leilagarcia.pdf

⁷ http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_feminicidio_leilagarcia.pdf

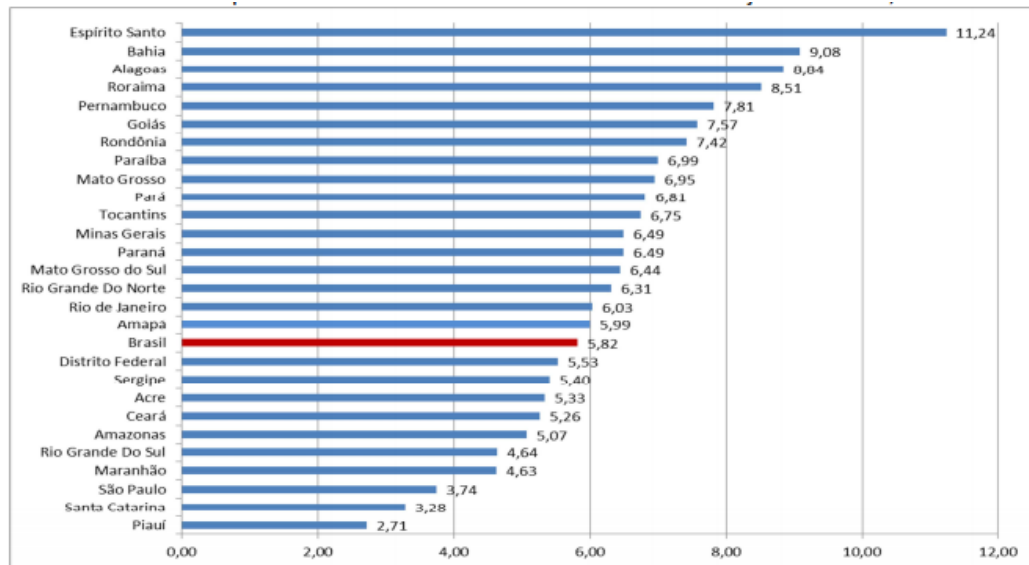


Gráfico 2 – Gráfico retirado de estudo divulgado pelo Ipea em 2013⁸

Diante dessa realidade de violência contra a mulher em níveis dignos de análise, uma vez que o estado lidera um ranking de feminicídios por 100 mil mulheres, o jornalismo aborda de modo rotineiro notícias que retratam essa realidade alarmante do Espírito Santo.

Coloca-se em discussão aqui o papel de telejornais como o Cidade Alerta ES, exibido pela TV Vitória – afiliada da Rede Record no Espírito Santo –, na transmissão de informações sobre um tema tão expressivo para o Espírito Santo, questionando a apresentação de reportagens com alto teor sensacionalista e conservador, à medida em que se apoiam em discursos fundamentados no senso comum, que dispensam discussões e reflexões, e por isso tendem a tratar de maneira superficial e, muitas vezes espetacular, problemas sociais que carecem de um pouco mais de atenção e contextualização.

A partir dessa ótica de deficiência na abordagem de uma pauta tão importante e expressiva para o estado, este artigo pretende analisar de que maneira as notícias sobre violência contra mulher são transmitidas pelo telejornal, considerando desde a postura dos mediadores, suas expressões e discurso, até os recursos utilizados para reforçar ideias e/ou transmitir sensações ao telespectador. Além de apontar as falhas na veiculação da pauta feminicídio, o artigo busca incitar uma reflexão acerca de melhores abordagens para o tema no telejornal.

⁸ http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_leilagarcia.pdf

Mediadores e a construção de um cenário de banalização da violência

Analisaremos primeiro os mediadores, que compreendem não só a figura do apresentador, mas também a dos repórteres. Segundo Itânia Gomes “é fundamental analisar quem são os apresentadores, como se posicionam diante das câmeras e, portanto, como se posicionam para o telespectador” (GOMES, 2011, p.38). Dessa maneira podemos perceber como o telejornal se constrói para o telespectador, sendo possível detectar qual o tom utilizado pelo programa para trabalhar suas pautas. De maneira geral, o que se vê é uma postura ainda muito conservadora quando se trata do tema violência contra a mulher o que se confirma em passagens como “Mulher casada foi xavecada no baile funk, daí você já toma um susto, e foi lá em Vila Velha, naquela boate que você sabe muito bem”⁹. Fica claro aqui uma possível legitimação da violência sofrida pela vítima, simplesmente por estar em um local considerado impróprio para uma mulher casada.

Outro comportamento comum é a postura didática na exposição dos fatos. Por diversas vezes o apresentador conduz a reportagem de modo a evidenciar para o telespectador quais seriam os aspectos mais e menos relevantes na notícia, enfatizando alguns pontos, repetindo outros e até mesmo por meio de gestos e expressões diante das câmeras. Sobre essa postura do mediador, Danilo Duarte Oliveira apontou em seu estudo sobre o telejornal Cidade Alerta:

O apresentador costuma encenar alguns gestos agressivos diante das câmeras, mostrando-se irritado com alguns fatos, uma maneira de dar ênfase a determinadas notícias ou a comentários emitidos por ele, além de tentar mostrar aos telespectadores que ele também se indigna com os problemas sociais (OLIVEIRA, 2011, p.129).

O programa exibido no dia 11 de maio de 2015 traz um caso pertinente à análise da postura didática dos mediadores. Uma senhora havia sido espancada por um ladrão que teria invadido sua casa para roubar uma televisão. Na cabeça do apresentador, além dos recursos sonoros, amplamente explorados pelo telejornal, houve uma considerável repetição de termos a fim de chamar atenção para um ponto específico da notícia:

Fernando Fully – Agora eu vou falar de uma covardia com uma idosa, ela foi espancada em um assalto dentro de casa em Cariacica,

⁹ Programa exibido em 11/05/2015.

não resistiu aos ferimentos e acabou morrendo. Ô Camilinha, fala pro povo que tá em casa qual a idade dessa idosa que foi também espancada, ficou no hospital e veio a falecer.

Camila – Fully, a Dona Josina tinha 84 anos.

Fernando Fully – Repete a informação!

Camila – A Dona Josina, que acabou falecendo depois de ser espancada por um invasor, tinha 84 anos de idade.

Essa passagem evidencia não só a maneira didática assumida pelos mediadores, mas também traz a tona a questão sensacionalista, no momento em que, associada à repetição da idade da idosa, coloca-se uma trilha sonora e explora-se a expressão facial dos mediadores. Com a exploração desses recursos, se reforçam discursos conservadores que deixam claro o teor sensacionalista da exibição. Sobre as características de materiais sensacionalistas como os produzidos pelo telejornal Cidade Alerta ES, Adelmo Genro Filho destaca que “o sensacionalismo é, inevitavelmente, conservador e até profundamente reacionário, mesmo quando se tenta instrumentalizá-lo com intenções democráticas ou socialistas”(GENRO FILHO, 1987, p.166). Na passagem o tom sensacionalista descrito por Adelmo como conservador e reacionário fica evidente quando a morte de idosa é tratada como “espetacular” a partir do reforço na indicação da idade da vítima.

Associado ao teor sensacionalista das matérias, percebemos uma certa espetacularização dos casos de agressão contra mulheres. Por diversas vezes a pauta é trabalhada com exagero nas descrições, explorando possíveis sensações do telespectador. Passagens como “A vítima já coleciona boletins de ocorrência, e clama só por uma coisa: paz!”¹⁰, deixam clara a insistente utilização de termos que tem por objetivo provocar comoção no telespectador. O uso do verbo “colecciona” para se referir a quantidade de boletins registrados pela vítima, a coloca numa posição de completa passividade, reforçada pela expressão “clama só por uma coisa: paz!”.

A espetacularização não se restringe às palavras, vinculado ao discurso, o telejornal explora também a imagem, muitas vezes utilizada de maneira a desconsiderar a intimidade, e alguns aspectos até a humanidade, da vítima. A justaposição de texto verbal e imagem explorada pelo telejornal, evidencia duas estratégias: a pretensão de provocar sensações no telespectador por meio de uma postura mais dramática, e a busca por facilitar a postura didática do mediador, que chama atenção exatamente para aquilo que se deve ver. Sobre o uso dessas palavras extraordinárias Bourdieu destaca:

¹⁰ Programa exibido em 04/05/2015

Com palavras comuns não se faz “cair o queixo do burguês”, nem do “povo”. É preciso palavras extraordinárias. De fato, paradoxalmente, o mundo da imagem é dominado pelas palavras. A foto não é nada sem a legenda que diz o que é preciso ler – *legendum* –, isto é, com muita frequência, lendas, que fazem ver qualquer coisa (BOURDIEU, 1997, p.26).

No dia 07 de maio de 2015, foi ar uma reportagem que tratava do caso de uma senhora que teria sido mantida em cárcere privado pelo ex-companheiro durante 10 horas. Esse caso em especial ilustra muito bem a relação entre texto verbal e imagem, explorada pelo telejornal, evidenciando aspectos citados por Bourdieu, como o uso de palavras extraordinárias a fim de identificar particularidades de uma imagem. Já no começo da matéria percebemos a didática utilizada pelo mediador, que seleciona para o telespectador os pontos mais relevantes do caso.

Fernando Fully – Para tudo! Para tudo e presta atenção nessa história, presta atenção nessa história! Uma mulher foi espancada e mantida em cárcere privado pelo ex-companheiro por 10 horas, esse é o camarada, esse é o valentão que se acha mais macho; essas são imagens da mulher depois de ser espancada; enche a tela; chegou a ser estuprada pelo suspeito, foi tanta crueldade, tanta crueldade, preste atenção e pode se preparar para a história que nós vamos contar agora pra você. Põe no Cidade!

Durante a fala do apresentador, imagens da vítima recém resgatada eram levadas ao ar. Os enquadramentos buscavam destacar os hematomas, e a edição associava o texto verbal às imagens espetaculares, estratégia que fragilizava ainda mais a vítima, além de tornar o ato ainda mais cruel para o telespectador. Segundo Itânia Gomes, “a variedade e imagens oferecidas aparece também como um forte apelo para a audiência e, de modo a manter o telespectador preso no fluxo televisivo.” (GOMES, 2011, p.27), ou seja, a estratégia de associação do texto verbal com as imagens não visava apenas a descrição do caso, mas também a captura de atenção do telespectador por meio do espetacular. Não bastasse a descrição do crime feita pelo apresentador, o policial responsável pelo crime foi entrevistado e relatou detalhadamente as agressões sofridas pela mulher.

Policial entrevistado – Ela foi bastante espancada, vocês observaram, bastantes marcas nas costas, o rosto tá todo deformado, ela tem corte na altura do quadril, de faca, um corte na têmpora. Ele a torturou e praticou estupro com ela, entendeu? Ela tava

embregada, consumiram bebida alcoólica no local, e praticou estupro e mais espancamento.

À medida que o policial relatava o crime, eram colocadas na tela imagens da vítima mostrando partes como o rosto deformado, as marcas nas costas e até mesmo os cortes no quadril e próximo à têmpora. A matéria foi finalizada com uma passagem da repórter, que relembra a agressão sofrida pela mulher destacando novamente o estado em que se encontrava a mulher: “Por todo o corpo da vítima de 43 anos, as marcas de um relacionamento violento, olhos inchados, hematomas por toda a parte”.

Em um estudo sobre o telejornal Balanço Geral, Janira Borja exemplifica o que seria a postura didática do mediador, que também pode ser verificada nas edições do Cidade Alerta ES. Borja destaca de que maneira Varela – apresentador do telejornal Balanço Geral na Bahia – faz-se didático. Diante do que fora exposto sobre o Cidade Alerta ES, percebe-se que tal postura do apresentador se assemelha com a de Varela, principalmente quando Borja pondera:

O apresentador determina, muitas vezes verbalmente, durante o programa, para qual câmera falar, que notícia quer veicular primeiro, demonstrando sua posição destacada na condução do telejornal. Mais do que expor fatos, Varela seleciona, diz quando o espectador deve prestar atenção, valora e julga as notícias veiculadas (BORJA, 2011, p. 227).

Analisando de que maneira os mediadores fazem usos desse “poder” de classificar a notícia, o que se observa é um desvio da atenção para o aspecto espetacular do caso. Por meio de uma abordagem caricata, repleta de termos dramáticos, tem-se muito apelo às sensações e pouca problematização. Os casos de violência contra a mulher, não são trabalhados além do seu aspecto singular, ficando restritos aos casos ocorridos sem que haja uma problematização das ocorrências, que deveriam ser investigadas, analisadas e melhor abordadas.

Para Adelmo Genro Filho, o singular enquanto matéria-prima do jornalismo, deve ser melhor trabalhado, aprofundado, a fim de fugir do considerado senso comum, visando a fazer pensar, questionar, ao invés de simplesmente transmitir uma ideia pronta, acabada, comum. O que trazemos aqui, é uma abordagem fruto de um trabalho que nega a ideia defendida por Adelmo, trata-se de um telejornal que busca sua audiência exclusivamente por meio das sensações.

O jornal sensacionalista, por exemplo, singulariza os fatos ao extremo. Esse singular, no entanto, não fica destituído de sua

significação já que de maneira subjacente, ele envolve um contexto de particularidade e uma sugestão universal. A singularidade externa pressupõe e reforça as categorias do próprio senso comum, quer dizer, a predominância da ideologia burguesa (GENRO FILHO, 1987, p. 162).

A não-exploração do tema enquanto problema social do Espírito Santo, não exclui sua realidade, afinal trata-se de uma questão trazida constantemente à rotina do capixaba. O que se questiona aqui é como esse problema social é trabalhado, de que maneira é levado ao telespectador. A questão supera a simples exibição dos casos e prescinde de análise quando apenas relata, ignorando o contexto do problema.

Por se tratar do estado líder no ranking¹¹ de violência contra a mulher, imagina-se que a frequência de casos noticiados no telejornal seja expressiva. E, de fato, as expectativas se confirmam. Foram analisadas para a produção desse artigo, matérias disponibilizadas no site do telejornal¹², durante todo o mês de maio de 2015. A escolha foi simbólica por se tratar em especial do mês da mulher. Durante todo o mês de referência, o telejornal contou com 21 edições – trata-se de um programa exibido de segunda à sexta-feira, às 18h15 –, nessa amostra foram coletadas 296 reportagens, de temas variados.

Das 21 edições do telejornal no mês de maio, 14 apresentaram alguma matéria relacionada à violência contra a mulher, o que representa 66,7% das emissões do mês. No montante de reportagens coletadas, que somam 296 no total, 23 (7,8%) apresentam casos de algum tipo de agressão sofrida por mulheres, e aqui consideramos desde a violência física, até a psicológica, que compreende também ameaças e intimidações. Foram considerados, além da frequência de reportagens, a sua abordagem. Fatores como a escolha de imagens, do texto verbal e, principalmente, de que maneira a vítima era representada nas matérias, tiveram destaque maior.

Algumas expressões, que são muito utilizadas, criam juízo de valor sobre os casos, contribuindo muitas vezes para o desenvolvimento, e ao mesmo tempo afirmação, de um discurso no campo do senso comum. A medida que relata os diversos tipos de violência sofridos pela mulher no estado do Espírito Santo pelo viés sensacionalista, buscando palavras de efeito a fim de produzir sensações nos telespectadores, ocorre uma

¹¹ http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_feminicidio_leilagarcia.pdf

¹² <http://www.folhavoritoria.com.br/videos/programa/cidade-alerta-es.html#>

naturalização de códigos que passa de maneira despercebida pelo telespectador. Sobre essa familiarização, Hall pondera:

Na verdade, o que os códigos naturalizados demonstram é o grau de familiaridade que se produz quando há um alinhamento fundamental e uma reciprocidade – a consecução de uma equivalência – entre os lados codificador e decodificador de uma troca de significados (HALL, 2003, p. 393).

Essa naturalização a qual me refiro fica evidente em passagens como “Gente, mulher morta, mas morta assim, daquele jeito em Jardim Guaranus”¹³. Por meio de descrições como essa, naturaliza-se a violência de modo que torna-se comum para o telespectador se deparar diariamente, com casos como esse assassinato que fora abordado de maneira espetacular. Além da descrição realizada por mediadores, a própria vítima é por diversas vezes colocada como responsável por descrever a violência que sofreu.

Vítima 1¹⁴ – Ele me bateu com um pedaço de madeira, e tinha um prego na ponta, e foi dando nas minhas costas, dando nas minhas costas, deu assim. Aí ficou esse hematoma aqui, aí machucou minha boca, acho que foi o prego que machucou aqui a boca. Ou bateu contra o dente o lábio, não lembro.

Vítima 2¹⁵ – Ele me pegou no meio da rua, me jogou dentro do carro e me levou para um matagal lá pra dentro do meu bairro mesmo. Ele me disse que queria passar com o carro em cima de mim.

Entre todo o material coletado, apenas duas matérias dedicaram-se a não só noticiar os crimes, mas também comentar aspectos da Lei Maria da Penha e o alto número de casos registrados no estado. Porém o que se vê são matérias ainda superficiais que não exploram a origem e nem os possíveis desdobramentos dos casos, apenas relatam com abordagens que algumas vezes acabam por deslegitimar as denúncias de agressão registradas pelas mulheres.

Na primeira reportagem, exibida no dia 07 de maio de 2015, o telejornal dedicou-se ao que consideravam “casos falhos” da Lei Maria da Penha. A reportagem apontava o número de denúncias realizadas no ano, mas questionava a veracidade do número, uma vez que muitas mulheres fariam denúncias falsas a fim de prejudicar os companheiros. O mais

¹³ Programa exibido em 13/05/2015

¹⁴ Programa exibido dia 11/05/2015

¹⁵ Programa exibido dia 04/05/2015

curioso é observar que a matéria questiona o número sem considerar os vários casos que não são denunciados, observando apenas um aspecto para fundamentar sua posição.

Repórter – No ano passado foram registrados 7.500 boletins de ocorrência com relação a violência contra a mulher. É um número expressivo, mas ele também retrata uma outra realidade, nem todas as ocorrências são reais ou completamente reais. Isso porque tem muita mulher que vai até a delegacia com raiva, com ciúmes, com mágoa pelo fim do relacionamento, e criam histórias pra tentar prejudicar o companheiro. E isso dá cadeia.

Aqui fica claro o posicionamento do telejornal, que negocia com os sentidos quando coloca algumas informações em contraste. Afirmar que o número de boletins de ocorrência é expressivo nada mais é que expor uma realidade concreta. No entanto, por meio do texto verbal há uma intencionalidade quando se diz “mas ele também retrata uma outra realidade”. Coloca-se uma outra realidade, a de mulheres que usam da lei para prejudicar os companheiros, ou ex-companheiros, para transmitir a ideia de que os números também podem mascarar realidades.

Trata-se de uma colocação nada sutil, que evidencia um posicionamento do telejornal, que questiona a veracidade das denúncias femininas, colocando em suspeição o posicionamento das mulheres em relação ao uso correto da lei. O sentido é construído baseado na ideia de forças proposta por Rocha, que caracteriza o texto televisivo como sendo “um estado de tensão entre forças de fechamento, em favor de sentidos preferenciais, e forças de abertura, que capacitam os diversos espectadores a negociar uma variedade de sentidos apropriados” (ROCHA, 2001, p. 183).

A outra reportagem, intitulada “Mais de 50 mulheres assassinadas no Espírito Santo este ano”, veiculada no dia 13 de maio de 2015, a princípio, propõe uma análise dos casos de violência no estado. O que se tem é mais uma matéria cuja pauta possibilitaria bons questionamentos, porém é trabalhada de maneira pouco crítica e superficial. Durante a exibição, comentam-se os chamados “casos emblemáticos” de feminicídio no estado, mostrando imagens das vítimas, dos acusados e dos crimes, lembrando as características de cada um. O comentário do apresentador se limita a frases como “são números fortes e números assustadores para o nosso estado.”

Sobre esse mostrar oculto do telejornalismo, quando se comenta uma realidade sem sequer se preocupar em mostrar as possíveis causas e desdobramentos, Bourdieu afirma em seu estudo sobre a televisão:

A televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou contruindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade (BOURDIEU, 1997, p. 24).

Os números registrados de violência contra a mulher são, inegavelmente, apresentados pelo Cidade Alerta ES, entretanto, fazendo referência a Bourdieu, são mostrados enquanto ocultam outra realidade. O que acontece é a demonstração de uma “realidade parcial”, uma vez que consideram uma realidade e não outra, ou até quando ignoram as possíveis causas e consequências das recorrentes denúncias de agressão.

Considerações finais

Por tratar-se de um estado onde os índices de violência são expressivos, os telejornais do Espírito Santo, e aqui em especial o Cidade Alerta, deveriam abordar a questão não só como um ou outro caso, de maneira isolada. Há uma necessidade de se ampliar o raio da informação para além do lead. Afinal, como apontou Adelmo, “os fatos não existem previamente como tais. Existe um fluxo objetivo na realidade, de onde os fatos são recortados e construídos obedecendo a determinações ao mesmo tempo objetivas e subjetivas” (GENRO FILHO, 1987, p.161).

Faz-se necessário pensar telejornalismo abandonando a sede pelo sensacional, extraordinário, e buscar entender os fenômenos relatados, seu contexto, possíveis causas e consequências. Números como os de violência contra a mulher no estado do Espírito Santo, refletem não só uma cultura machista que reflete a desvalorização da imagem da mulher, mas também um problema social muito mais complexo, que deve ser colocado em pauta visando a alcançar discussões a fim de ao menos controlar um número crescente e cada vez mais preocupante.

Utilizando a metáfora dos óculos proposta por Bourdieu, que diz “os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997. p.25), podemos sugerir que os profissionais da área passem a “programar suas lentes” para verem além do fato em si. É importante ter a noção do contexto, saber que as coisas são e acontecem num fluxo, estão interligadas, e por isso – e

por se tratar de um tema expressivo e recorrente – não só ver, como fazer ser vista uma realidade que é ocultada, seja por questões de sentidos preferenciais que envolvem o posicionamento do telejornal ou simplesmente por falta de tempo hábil para serem trabalhadas.

O problema é que a “pirâmide invertida” corresponde a uma descrição formal, empírica, que nem sempre corresponde à realidade, exatamente porque não capta a essência da questão. Não se trata, necessariamente, de relatar os fatos mais importantes seguidos dos menos importantes. Mas de um único fato tomado numa singularidade decrescente, isto é, com seus elementos constitutivos organizados nessa ordem, tal como acontece com a percepção individual na vivência imediata (GENRO FILHO, 1987, p. 161).

Trata-se, na essência, de abandonar o esquema tradicional, a organização simplista dos fatos numa suposta ordem de importância, a fim de transmitir mensagens menos enrijecidas, formatadas, e buscar uma forma de tratar os fenômenos de maneira mais pensada, cuidadosa e menos apelativa. O essencial é captar a audiência por meio da informação, abolindo a ideia de criar sensações e espetacularizar temas cuja discussão é necessária quando se pensa nos altos valores de violência contra a mulher registrados no estado.

Referências

GOMES, Itania Maria Mota. (Org.). Metodologia de Análise de Telejornalismo. In: GOMES, Itania Maria Mota. (Org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre, Tchê, 1987.

BORJA, Janira. O grito da cidade: Balanço Geral, qualidade e modos de endereçamento. In: GOMES, Itania Maria Mota. (Org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 223-242.

OLIVEIRA, Dannilo Duarte. Cidade Alerta: jornalismo policial, vigilância e violência. In: GOMES, Itania Maria Mota. (Org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011, p.121-150.

ROCHA, Simone Maria. "A análise cultural da televisão". In: GOMES, Itânia Maria Mota; JANOTTI JÚNIOR, Jedd. (Orgs.). **Comunicação e Estudos Culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.